

Fernando Pessoa

## **Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.**

Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.  
No intervalo entre o que sou e estou,  
A natureza, exterior, tem Sol.  
Mas, se tem Sol, há Sol. Ao Sol me dou.

Não queiras, com submissa segurança,  
Ter saudade de ter esperança.  
Tem antes saudade de a não ter.  
Sê anónimo, súbito e criança.

Nada esperes, que nada salvo nada  
Obtém que[m] espera: é como quem à estrada  
Lance olhos de esperar que alguém lhe chegue  
Só porque a estrada é feita para andada.

Ninguém suporta o peso mau dos dias  
Salvo por interpostas alegrias.  
Bebe, que assim serás o intervalo  
Entre o que criarás e o que não crias.

Quantas vezes o mesmo poente alheio  
Sobre meu sonho, como um sonho, veio!  
Quantas vezes o tive por augusto!  
Tantas, tornado noite, perde o enleio.

Bebe. Se escutas, ouves só o ruído  
Que ervas ou folhas trazem ao ouvido.  
É do vento, que é nada. Assim é o mundo:  
Um movimento regular de olvido.

4-10-1932

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 68.